

Ideologia dos outros: sobre ideologias subjacentes e sobre o processo decisório por trás da construção de traduções

Daniel Alves¹

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

Resumo: Este texto promove um debate teórico sobre aspectos ideológicos subjacentes aos usos da linguagem e sobre a influência desses aspectos para contextos de mediação intercultural — mais especificamente de tradução. Buscando discutir o papel desempenhado por tradutores/as no jogo de dominação e resistência observável nos diferentes níveis de trocas linguísticas, este texto reflete sobre a construção de textos traduzidos, discutindo escolhas de tradução em diálogo com projetos tradutórios. O texto se ampara em autores como Simpson (1993), Berman (1995), van Dijk (1998), Munday (2007), Kremer (2007) e Alves (2021) de forma a contemplar ideologia a partir de uma compreensão mais ampla e incluir reflexões sobre ética tradutória e o processo decisório inerente à construção de textos traduzidos.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Tradução e ética; Ideologia e tradução.

Title: The Ideology of Others: On Underlying Ideologies and on the Decision-Making Process behind Translations

Abstract: This paper fosters a theoretical debate on ideological aspects that underlie the use of language and on the influence of these aspects in contexts of intercultural mediation — more specifically of translation. Aiming at debating the role of translators in the interplay of dominance and resistance observable in different linguistic exchanges, this paper reflects on the construal of translated texts, discussing translation choices made in consonance with translation projects. This text draws on Simpson (1993), Berman (1995), van Dijk (1998), Munday (2007), Kremer (2007) and Alves (2021) in order to adopt a broader understanding of the notion of ideology and of the decision-making process behind the construal of translated texts.

Keywords: Translation Studies; Translation and Ethics; Ideology and Translation.

A key factor is how the (in)ability to identify and handle discourse resources and the resort to subconscious and ingrained lexical behaviour impacts on the representation of an ideological position irrespective of the translator's underlying political motivation
Munday (2007, p.214)

¹ Doutor em Estudos da Tradução pela UFSC. Professor associado do curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3702-0895>. E-mail: daniel@cchla.ufpb.br

Considerações iniciais

Em sua abordagem crítica e multidisciplinar, van Dijk (1998, p.2) ironiza a frequente contradição associada ao termo ideologia, ao dizer “*Ours is the Truth, Theirs is the Ideology*”. Com a ironia, o autor não apenas coloca em primeiro plano a conotação frequentemente negativa do termo, como também ressalta sua tendência de uso em contextos que descrevem as perspectivas, interesses, posições sociais e/ou políticas de outrem, contrastada à baixa frequência de uso quando se trata de descrever as posições do/a próprio/a interlocutor/a.

Este artigo se propõe a refletir tanto sobre o papel desempenhado por tradutores/as no jogo de dominação e resistência observável nos diferentes níveis de trocas linguísticas, quanto sobre a construção de textos traduzidos, em função de seus projetos tradutórios e contextos sociais. Para tanto, adota-se a noção de ideologia — derivada de Simpson (1993, p.5) — como sistema ou conjunto de conhecimentos subjacente a textos e buscam-se observar aspectos ideológicos a partir de escolhas léxico-gramaticais feitas em textos traduzidos. A proposta busca dialogar com trabalhos de Munday (2007) e van Dijk (1998) — sobre relações ideológicas vistas por meio do discurso — e Berman (1995), Kremer (2007) e Alves (2021) — sobre a ideia de projetos de tradução e a compreensão de cada texto traduzido a partir de suas características léxico-gramaticais próprias.

Esta proposta se ancora na compreensão da tradução como “uma atividade humana complexa e nuançada, influenciada por uma miríade de forças internas e externas” (ALVES, BRAGA e LIPARINI, 2016, p.405). Não se buscam, portanto, generalizações que se proponham como absolutas para quaisquer casos, tampouco se busca desconsiderar a influência dos contextos de produção de cada situação comunicativa. Pelo contrário, aqui se reconhecem, previamente, a subjetividade dos pontos de vista, bem como a impossibilidade de neutralidade desta discussão — assim como de qualquer outra discussão que envolva o tema ideologia —, o caráter fundamentalmente relativista deste tipo de debate e a influência de fatores externos múltiplos sobre os mais diferentes processos de produção textual.

Para desenvolver essa proposta, este texto está dividido em cinco seções, contando com esta introdução, a saber: a segunda seção discorre sobre relações de ideologia e linguagem, buscando reconhecer as diferentes posturas quanto ao termo ideologia no contexto contemporâneo e a forma como traços ideológicos e relações sociais têm reflexos nos usos sociais da linguagem. A terceira seção aborda contextos de comunicação intercultural (que envolvem traduções) e discute como tais contextos permitem a observação de diferentes saberes ideológicos. A quarta seção aborda a noção de projetos tradutórios de acordo com Berman (1995) e a influência desses projetos sobre as escolhas de tradução. Por fim, a quinta seção traz considerações finais e aponta para futuros desenvolvimentos.

Ideologia e linguagem

Frequentemente, os usos do termo ideologia ocorrem em contextos de discussões políticas, associados a ideias sobre conjuntos de crenças falsas, com conotações de distorção,

manipulação ou dissimulação. Da mesma sorte, os debates sobre o tema tendem, como aponta van Dijk (1998), a cristalizar essas noções e a envolver elementos que apontam para situações de manipulação política ou social realizada por partes que se opõem em um espectro político. Para Munday (2007) tal conotação negativa tem origem no próprio termo. De acordo com o autor, embora cunhado — no século XVIII, por Antoine-Louis-Claude Destutt, conde de Tracy — visando a denotar ciência das ideias e a promover debates racionais, o termo rapidamente adquiriu a conotação negativa que persiste até os dias de hoje devido ao seu escopo e à sua definição.

A recorrência dos usos do termo ideologia com conotação negativa está entre as razões para van Dijk (1998, p.2) estabelecer a ironia — na qual Munday (2007) também se apoia — que contrapõe as ‘nossas verdades’, às ‘ideologias dos outros’ e faz parte da justificativa de ambos os autores para defender a importância de se aprofundarem as discussões sobre o tema, contemplando não apenas posições antagônicas em um debate político, mas também relações subjacentes aos debates (entre elas crenças, valores, conhecimentos, relações identitárias, assimetrias de poder, contextos sociais e escolhas discursivas) e as formas como o discurso pode servir como ferramenta de construção, legitimação e/ou perpetuação de instâncias de poder (bem como de contestação e ruptura contra instâncias entronadas).

Simpson (1993) ressalta tanto o elevado número de definições para o termo ideologia quanto o fato de essas definições tenderem a se limitar ao enquadramento de aspectos políticos. Buscando adotar um aparato teórico da linguística, Simpson (1993, p.5) propõe uma visão mais abrangente, observando sua ligação com os sistemas de conhecimentos, crenças e valores (tanto individuais, quanto compartilhados coletivamente por grupos sociais), além de apontar para os discursos institucionais e para a forma como eles refletem e modelam as ideologias dominantes nas sociedades.

Nesse sentido, a investigação da linguagem opera como uma ferramenta reveladora das relações de poder, das assimetrias e das diferentes ideologias que se verificam entre grupos sociais. Simpson (1993) parte do pressuposto de que a linguagem não ocorre em um vácuo e ressalta que se trata, na sua perspectiva, de uma ferramenta de comunicação intrinsecamente ligada a funções e contextos sociais e que, portanto, necessariamente reflete e constrói as ideologias sociais²; seja (i) operando como mecanismo de promoção e manutenção de assimetrias sociais, seja (ii) indo frontalmente de encontro às ideologias dominantes, seja (iii) em um ponto intermediário entre esses dois extremos.

A partir da consideração de que a linguagem está intrinsecamente ligada a funções e

² Cabe reconhecer que diferentes vertentes teóricas da linguística se colocam de forma diferente acerca da relação entre a linguagem e aquilo que assumimos como nossa realidade. Há desde correntes que acreditam que a linguagem meramente reflete a realidade, até correntes que acreditam que a linguagem cria a realidade e suas condições sociais. Mesmo com diferentes posturas, existe, em diferentes vertentes teóricas, a visão de que podem ser identificados, na linguagem, traços reveladores quanto aos contextos e funções sociais das realidades em que ela opera. A revisão acerca das posturas e entendimentos de diferentes correntes linguísticas ultrapassa o escopo deste texto, mas, recomendo a leitura de Simpson (1993, p.147-53), que introduz a contraposição entre a construção de relações sociais *na* linguagem versus a construção de relações sociais *por meio da* linguagem.

contextos sociais, é possível observar as escolhas linguísticas em um dado texto e buscar, a partir daí, entender os prismas ideológicos e “as relações causais que existem entre essas [escolhas] e estratégias e as questões sociopolíticas veladas por trás delas” (DÍAZ CINTAS, 2012, p.83). Considera-se aqui que a construção de qualquer texto se dá a partir de um processo de tomada de decisões que envolve não apenas as possibilidades abertas pelo sistema linguístico, mas também as funções sociais e as relações ideológicas em torno do próprio texto.

Um exemplo disso é a forma como é possível identificar, a partir de construções textuais, traços reveladores sobre as estruturas patriarcais das sociedades e o seu androcentrismo cultural. Em diferentes línguas é possível observar uma associação de formas gramaticais no masculino a uma característica de pretensa abrangência e de neutralidade — ao passo que formas no feminino tendem a ser associadas a usos restritos, marcados e/ou utilizadas apenas em contextos específicos. Simpson (1993) destaca como a estrutura patriarcal das sociedades pressupõe e constrói uma relação hierárquica na qual o masculino é colocado em posição superior ao feminino e relações são construídas colocando valores associados ao homem como centrais e desejáveis, em contraposição aos valores associados à mulher, colocados como periféricos e com conotações negativas.

Essa adoção do masculino generalizante é uma característica identificável não apenas em línguas que têm marca de gênero (como a língua portuguesa), podendo ser também identificado em línguas que não apresentam marcas de gênero (como a língua inglesa, por exemplo). Simon (1996, p.18, grifos meus) discute construções como “members of Parliament *and their wives*” e “the Greenlanders often *swap wives*”. De forma semelhante, Simpson (1993, p.146, grifo meu) aborda uma fala do comentarista político Brian Walden ao TV Times em 29 de setembro de 1990, que discorrendo sobre o tema confiança em políticos diz “It’s unusual. Most people don’t feel like that. They want a good job, *a nice wife*, pleasant children, friends and a bit of fun”. Nos casos discutidos pela autora e pelo autor, é possível notar como a não existência de uma marca gramatical de gênero masculino é substituída pela presença de um gênero metafórico/psicológico, sendo possível notar a presunção de um masculino generalizante e a atribuição de papéis hierarquicamente inferiores às esposas (*wives*) dos três casos — colocados linguisticamente como entes passíveis de posse. Tais características podem ser tomadas como indícios léxico-gramaticais das relações de assimetria de poder nas sociedades, bem como do androcentrismo cultural sobre o qual Simpson (1993) discorre.

Importante destacar que, embora os exemplos acima sejam relativos a questões de gênero e assimetrias relacionadas a estruturas patriarcais e/ou sexistas, a mesma lógica pode ser estendida para discussões sobre a relação das sociedades com seus diferentes estratos sociais — incluindo relações étnico-raciais, queer, interseccionais, etc. Hill Collins (2000), por exemplo, discute os espaços sociais dados ao pensamento feminista negro e, em diferentes momentos, menciona características desses espaços que podem ser observadas a partir da linguagem — incluindo os silêncios sociais, o enquadramento de ideias para que as discussões sejam familiares e confortáveis do ponto de vista de grupos dominantes e até mesmo as mudanças argumentativas que, frequentemente, levam à promoção de ideias dos grupos

dominantes.

Nesse contexto, a análise crítica de textos com vistas a identificar traços ideológicos se configura não apenas como uma forma de entender aspectos culturais de uma sociedade, mas de levantar, e discutir, relações associadas a estruturas de poder, a classes dominantes e a classes negligenciadas pela sociedade. Mais do que uma mera questão abstrata, trata-se de ideias e padrões que estão no cerne de situações de preconceito, de discriminação, de dominação e de resistência, que são construídas e vividas por sujeitos reais em seus contextos sociais.

Na próxima seção, esta discussão passa a se concentrar sobre contextos de comunicação intercultural que envolvem traduções e observar a interação entre diferentes saberes ideológicos que ocorre nesse contexto.

Ideologias em contextos de comunicação intercultural

Quando se trata de uma discussão afiliada aos Estudos da Tradução, é necessário reconhecer, a exemplo de Munday (2007), que a tradução opera em um contexto de comunicação intercultural, necessariamente construindo uma mediação entre diferentes ideologias. Não se trata aqui de uma tentativa de romantizar esse contexto de comunicação — tampouco de reforçar, sem quaisquer problematizações, a frequente metáfora do/a tradutor/a como uma ponte entre culturas —, mas de reconhecer que se trata de uma relação complexa que envolve diferentes culturas, com suas diferentes relações de poder, seus múltiplos interesses e, até mesmo, suas expectativas conflitantes.

Ao se colocarem nesses contextos de interculturalidade, tradutores/as comunicam, reescrevem, manipulam textos, fazendo com que eles se tornem disponíveis para um público mais amplo do que aquele originalmente projetado quando da escrita do texto-fonte e, de tal forma, necessariamente promovem uma forma de intervenção cultural e desempenham papel fundamental no jogo de dominação e resistência observável nos mais diferentes níveis de trocas linguísticas.

Para Simon (1996), é justamente nesse jogo de dominação e resistência que se circunscreve o trabalho de um/a tradutor/a. A autora ressalta que, mais do que simplesmente reescrever textos de uma língua A em uma língua B, tradutores/as têm um papel histórico e social na mediação cultural, com reflexos sobre o fluxo de informações, sobre a construção de imagens culturais e sobre o estabelecimento de relações de convencimento entre diferentes agentes.

Lefevere (2007, p.13), por sua vez, discute relações de reescritura e manipulação de textos e também reforça a questão do papel desempenhado reescretores/as (incluindo, entre tais reescretores/as, os trabalhos desenvolvidos por tradutores/as, historiógrafos/as, organizadores/as de antologias, críticos/as, editores/as, etc.) das obras de outrem. Sob a ótica do autor, a reescrita de textos chega a superar, em importância, o trabalho dos/as próprios/as escritores/as, por operar não apenas na “recepção geral [mas também na] sobrevivência de obras literárias”. Para Lefevere (2007, p.18), as reescritas são, frequentemente, os meios que

permitem o acesso de leitores/as não profissionais à literatura — o que reforça a importância da reflexão sobre as condições sociais, históricas, políticas e culturais em torno da produção e do consumo de traduções e sobre as relações ideológicas (e poetológicas, no argumento construído por Lefevere) em torno delas.

Embora alguns dos termos usados nesta seção para tratar sobre tradução tenham conotações negativas (como manipulação e relações de dominação, por exemplo) é importante reiterar, como apontado na seção anterior, que a tradução, assim como qualquer outra atividade social “não é realizada em um vácuo e não pode, portanto, se eximir de um certo grau de subjetividade e de vieses por parte do/a tradutor/a e dos/as demais agentes envolvidos/as no processo tradutório” (DÍAZ CINTAS, 2012, p.282). Também é válida, para a tradução, a afirmação feita na seção anterior de que textos são construídos a partir de processos de tomadas de decisão e que dialogam com as possibilidades abertas pelo sistema linguístico, com as funções sociais desempenhadas e com as relações ideológicas em torno da própria tradução. Dessa forma, como apontam Gentzler e Tymoczko (2002, p.xxi), a tradução

não é simplesmente um ato de reprodução fiel, mas um ato deliberado e consciente de seleção, montagem, estruturação e fabricação — e mesmo, em alguns casos, de falsificação, recusa de informações, adulteração e criação de códigos secretos. Dessas formas, tradutores, tanto quanto escritores/as criativos/as e políticos/as, participam em atos poderosos que criam o conhecimento e moldam a cultura.

Munday (2007) discute a forma como escolhas de tradução influenciam a construção do texto alvo, concentrando-se na análise crítica de elementos textuais e buscando identificar relações e traços ideológicos subjacentes aos textos traduzidos. Para realizar essa análise crítica, Munday (2007) trabalha com um corpus formado por uma seleção de discursos de líderes latino-americanos (e suas respectivas traduções) e analisa as escolhas léxico-gramaticais dos textos, além de observar as controvérsias políticas intra- e internacionais relacionadas a tais escolhas. Uma das análises apresentadas por Munday (2007) diz respeito ao pronunciamento, de 31 de julho de 2006, do então chefe de estado cubano, Fidel Castro, anunciando que seu irmão, Raúl Castro, assumiria temporariamente o governo do país. Munday (2007, p.200-204) contrasta a forma cuidadosa com que o texto fonte, em língua espanholaⁱ, é despersonalizado, ao passo que o texto alvo em língua inglesaⁱⁱ, não apresenta a mesma orientação retórica — ainda que ambos os textos tenham sido produzidos e publicados sob controle estatal.

De acordo com a análise de Munday (2007, p.203), o texto fonte apresenta construções marcadas que podem ser interpretadas como uma tentativa de evitar a associação do então chefe de estado a ideias de fraqueza física — por meio de padrões de transitividade e recursos léxico-gramaticais que evitam usos de pronomes de primeira pessoa. Em contraste, o texto alvo — embora possa ser entendido como tradução oficial do pronunciamento, publicado pelo jornal oficial *Granma*³ — adota um diferente padrão de

³ www.granma.cu

transitividade, colocando Castro em primeiro plano, como Participante de Processos, e construindo-o com papel mais ativo no discurso, por meio de usos de pronomes de primeira pessoa.

Munday (2007) não explicita o leque de opções aberto aos/às tradutores/as dos textos que analisa. Ainda assim, ficam implícitas, em sua discussão, algumas das possibilidades e escolhas: Ao se deparar com um texto fonte que constrói orações marcadas, um/a tradutor/a pode, por exemplo, optar por construir um texto alvo com orações também marcadas ou por orações mais próximas dos padrões de expectativa da língua alvo. Cada uma das escolhas de tradução influenciará diretamente a construção do texto alvo e a forma como o texto se inserirá na cultura alvo.

Em sua análise, Munday (2007) reconhece a complexidade do fenômeno e a existência de múltiplos fatores que podem ter influência sobre os trabalhos de construção textual. Especificamente sobre esse último ponto — sobre fatores que podem influenciar as diferenças léxico-gramaticais e retóricas entre os textos e suas traduções —, o autor enumera: a) a presença de diferentes sistemas linguísticos; b) a experiência individual de tradutores/as e suas linguagens, o que envolve desde as suas formações educacionais individuais, até as relações no entorno de seus ambientes sociais; c) outros fatores amplos, como postura individual, lugar de enunciação do/a tradutor/a e sua avaliação/posicionamento ideológico, geográfico e temporal. Por fim, ao discorrer sobre elementos textuais reveladores de posições ideológicas, Munday (2007, p.198) se apoia em um aparato da Linguística Sistêmico-Funcional e cita:

- I. Padrões associados à Metafunção Ideacional da linguagem (mais especialmente ao seu componente Experiencial), como itens lexicais e padrões de transitividade, entre eles, nominalizações, passivização, etc.;
- II. Padrões associados à Metafunção Interpessoal que constroem avaliações e a posição entre emissor-receptor de um texto, como marcadores de modalidade, epítetos atitudinais, advérbios, condicionais, negações, etc.; e
- III. Padrões associados à Metafunção Textual que contribuem para a progressão temática e as estruturas de informação de um texto, seus padrões coesivos, incluindo relações de sinonímia, repetições, substituições, elipses, etc.

Nesse contexto, a Linguística Sistêmico-Funcional e a Linguística Crítica podem se constituir como ferramentas úteis para o estudo de processos ideológicos, relações de poder e controle. O arcabouço da Linguística Sistêmico-Funcional permite, como apontam Fowler e Kress (1979, p.188), construir três premissas para o estudo da linguagem:

1. Que a linguagem serve a um número de funções específicas, e que todas as formas e processos linguísticos expressam uma ou todas essas funções;
2. Que as seleções feitas pelos/as falantes, a partir do inventário total de formas e processos [de que uma linguagem dispõe] é sistemático e responde a princípios; e

3. Que a relação entre forma e conteúdo não é arbitrária ou convencional, mas que a forma significa conteúdo.

A partir dessas premissas, e pensando-se em um contexto de comunicação intercultural, é possível dizer que o processo de produção de uma tradução inevitavelmente implica a construção de significados. Qualquer escolha de tradução é feita a partir do inventário de recursos léxico-gramaticais de que a língua dispõe e em detrimento de outras possíveis escolhas de construção textual. Tal processo é complexo e dialoga com um grande número de fatores, incluindo desde o projeto de tradução até os fatores externos, expectativas e relações hierárquicas nas quais o/a tradutor/a possa estar inserido/a.

Berman (1995) também descreve processos decisórios (externos ao texto) para ilustrar como a noção de projeto tradutório — e a forma como esse projeto, ou essa visão articulada — tem influência sobre a construção do texto alvo. Para essa descrição, Berman (1995, p.76-77) toma como base as múltiplas possibilidades abertas aos tradutores da obra poética de Kathleen Raine na França: i) fazer uma antologia de poemas ou traduzir coleções; ii) propor uma edição monolíngue ou bilíngue; iii) construir uma edição com ou sem paratextos. Cada uma dessas escolhas descritas por Berman influencia diretamente a forma como aquele texto alvo é construído, a forma como ele se insere na cultura alvo e a forma como eventuais leitores/as construirão significados a partir do texto alvo.

A próxima seção desenvolve a discussão do projeto tradutório (introduzido no parágrafo anterior), alguns dos fatores envolvidos em sua construção e a forma como as escolhas tradutórias dialogam com esse projeto.

Projetos tradutórios e escolhas de tradução

Como introduzido no final da seção anterior, Berman (1995) discute a noção de projeto tradutório como sendo uma visão articulada que leva à construção da linha decisória de uma tradução. Um projeto, ainda de acordo com Berman (1995) é determinado pelas exigências específicas a cada tarefa de tradução e pela posição tradutória do/a tradutor/a, bem como suas percepções sobre como concluir uma tarefa de tradução específica. Para o autor, são múltiplas as possibilidades de se construírem esses projetos e, desde que as regras do jogo (inscritas em cada tarefa de tradução) sejam claras, o/a tradutor/a tem direito a tomar as linhas decisórias que julgar adequadas. Berman (1995) afirma que todas as traduções significativas necessariamente são baseadas em um projeto, mas reconhece que tais projetos nem sempre são explicitados (o que implica a possibilidade de estarem constituídos apenas na mente do/a tradutor/a) e nem sempre se caracterizam como discussões teóricas ou de cunho acadêmico, além de reconhecer alguns dos limites entre o que é colocado em um projeto tradutório e o que é efetivamente realizado quando da construção do texto alvo.

Embora seja voltada para a construção de mecanismos para a produção de críticas produtivas para a tradução, a discussão de Berman (1995) se mostra relevante para discussões sobre a ética e sobre o reconhecimento do/a tradutor/a como produtor de conhecimento. Kremer (2007, p.4011), por exemplo, apresenta um estudo de caso e se baseia em Berman

(1995) para ressaltar a importância de se entender o/a tradutor/a como um produtor de sentidos e de analisar seus projetos de tradução para entender as suas decisões de tradução em função dos fatores sociais, históricos, políticos e culturais que condicionam o seu trabalho.

Para Kremer (2007, p.4004-4005), no atual contexto social (falando de uma forma ampla⁴), existe uma expectativa artificial/irreal para a prática tradutória: na qual o/a tradutor/a se converte em um ser transparente e seu trabalho em uma atividade “asséptica e inofensiva” que simplesmente apresenta, para o público alvo, um texto supostamente neutro e livre de qualquer intervenção. A autora defende que se construam práticas que levem ao reconhecimento, legítimo, do/a tradutor/a como um/a agente transformador/a, e que se respeitem as histórias e as diferenças culturais envolvidas nas trocas linguísticas que ocorrem por meio da tradução. Essa ampliação dos saberes éticos da tradução defendida por Kremer (2007, p.4011-2) promoveria não apenas a visibilidade de tradutores/as, mas também permitiria que a avaliação de traduções pudesse passar a ser feita com base

[n]a coerência do que se diz com o que se faz, com a responsabilidade do tradutor, cujo comprometimento se dará a partir do momento em que se assumir como produtor de significados e não como mero transportador. Esse comprometimento ético e político pode ser viabilizado quando o caráter indiscutivelmente intervencionista da tradução for explicitado por meio de prefácios do tradutor e reconhecido por teóricos e leitores. O não apagamento do tradutor, passa a ser, nesse contexto, uma maneira de torná-lo responsável e comprometido com o saber ético pós-moderno.

Tomando como base as propostas de Berman (1995) e Kremer (2007) apontadas acima, Alves (2021) também se propõe a abordar a ética da tradução, propondo-a como uma prática social de reflexão consciente. Partindo do pressuposto de que “textos-fonte abrem múltiplas possibilidades de interpretação e, conseqüentemente, podem ser traduzidos de diferentes formas” (ALVES, 2021, p.6) e buscando construir propostas para superar a postura ilusionista de que o trabalho de tradutores/as pode ser isento de motivações, o autor defende que tradutores/as explicitem suas posições tradutórias — e, assim como Kremer (2007), defende que projetos não sejam baseados em ideias pré-concebidas, mas observando as características de cada texto que são efetivamente trabalhadas em cada situação de tradução —, promovendo, dessa forma, a ética como uma prática social de reflexão ativa, o que poderia beneficiar vários dos agentes envolvidos: a) tradutores/as, ao promover a visibilidade de seus trabalhos; b) analistas, ao permitir acesso às linhas de raciocínio de tradutores/as; e c) consumidores/as interessados/as, ao permitir a compreensão dos contextos de construção das traduções e da agência de tradutores/as sobre os textos traduzidos.

É possível traçar paralelos entre essa ideia de estimular tradutores/as a discutir os princípios norteadores por trás de suas escolhas de tradução com propostas como a das tradutoras canadenses — discutida por autoras como Bertacco (2003), von Flotow (1991) e outras —, cujas escolhas de tradução são deliberadamente tomadas de modo a expor aspectos sexistas da linguagem e da sociedade. Trata-se de uma prática questionadora de

⁴ Tal debate já vem sendo desenvolvido ao longo das últimas décadas — com autores como Venuti e Arrojo apresentando interessantes reflexões sobre o tema —, portanto, a referência ao atual contexto social busca ser ampla e não restrita apenas ao contexto contemporâneo mais imediato.

tradução que coloca, em primeiro plano, os espaços e as possibilidades de atuação do/a tradutor/a como agente cultural. Essa característica questionadora frequentemente se reflete na adoção de estratégias e de escolhas tradutórias que deixam evidentes as assimetrias de poder, as questões sensíveis nas sociedades e as leituras estabelecidas / institucionalizadas.

Ao construírem propostas que questionam estruturas sociais a partir de escolhas que diferem das expectativas sociais para a tradução, o trabalho das tradutoras canadenses tende a ser alvo de debates polêmicos — debates esses que constituem, por si próprios, indícios das resistências sociais ao questionamento de suas hierarquias e estruturas de poder. Um fator que tende a ser ignorado nessas polêmicas é a ideia de que toda tradução necessariamente é resultado de sequências de tomadas de decisões e que adotar postura oposta (o que, nesse contexto, significa: decisões que não questionam o status quo e se alinham às expectativas sociais) também constitui uma tomada de posição política na tradução — e não uma suposta neutralidade, como, às vezes, é erroneamente argumentado.

A discussão de projetos de tradução e das posturas de tradutoras e tradutores pode se constituir como ferramenta para acessar os conhecimentos implícitos a diferentes domínios, registros e usos, além de promover a conscientização sobre a importância de reconhecer as múltiplas culturas e os múltiplos saberes. Ao promover o desenvolvimento da consciência crítica sobre os sistemas de valores e ideias subjacentes aos textos — nem sempre aparentes em leituras breves/superficiais —, será possível avançar sobre o questionamento dos papéis que tradutores e tradutoras desempenham ao subverter ou ao aderir a padrões sociais por meio de suas profissões, além de entender as implicações sociais que essas escolhas têm, especialmente considerando a liberdade dada (ou as restrições impostas) a tradutores/as no exercício de suas funções.

A seção seguinte busca fazer uma breve revisão da argumentação aqui construída e aponta para futuros desenvolvimentos da discussão.

Considerações finais

Este texto se propôs a revisitar discussões sobre ideologia, evitando a ideia de ideologia como algo apenas associável a outrem, mas observável em quaisquer textos e quaisquer posições humanas. Para tanto, amparou-se em autores como Simpson (1993), van Dijk (1998) e Munday (2007), com vistas adotar uma noção mais ampla de ideologia, que contemple não apenas aspectos políticos de um discurso, mas toda a rede de conhecimentos subjacentes a cada escolha textual, incluindo as assimetrias e relações sociais de poder.

Ao trazer essa para os Estudos da Tradução, busca-se aqui promover um arcabouço que permite a construção de estudos de caso, de análises de traduções específicas e dos sistemas de valores subjacentes a elas e à ampliar os debates sobre ética tradutória — não uma ética deontológica, que busque estabelecer normas prévias para a tradução, mas uma que valorize os saberes subjacentes à produção de traduções e a discussão de textos traduzidos a partir de projetos de tradução, respeitando as perspectivas de seus tradutores e suas tradutoras e as especificidades de cada texto traduzido.

Desenvolvimentos futuros deste trabalho incluem o aprofundamento de discussões, mas tomando como ponto de partida estudos de casos sobre traduções concretas, observando seus projetos tradutórios e as estratégias de tradução adotadas — abrangendo tanto aquelas que seguem as posições socialmente convencionadas quanto aquelas que se constroem de forma questionadora. Espera-se, com essa discussão promover o desenvolvimento de debates sobre os espaços sociais da tradução e sobre o instrumentalismo desses espaços — o que, como aponta Venuti (2019), é um dos fatores por trás da tendência social em desvalorizar a tradução, negando ao tradutor seu devido papel como produtor de conhecimento.

Referências

- ALVES, D. Tradução e Ética: Sobre ética da tradução como uma prática social de reflexão consciente. *Revista Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 24, n. 1, p. 1-12, jan.-mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v24i1.20113>.
- ALVES, D.; BRAGA, C.; LIPARINI, T. Translation and Ethics: making translation choices ideologies that underlie the source text. *Letras & Letras*, v. 32, n. 1, p. 403-419, 21 ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.14393/LL63-v32n1a2016-21>.
- BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*, Paris: Gallimard. 1995.
- BERTACCO, S. The Canadian feminists' translation project: between feminism and postcolonialism. *Linguistica Antverpiensia, New Series – Themes in Translation Studies*, vol 2, 2003. DOI: <https://doi.org/10.52034/lanstts.v2i.88>.
- HILL COLLINS, P. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. London and New York: Routledge, 2000.
- DÍAZ CINTAS, J. (2012). Clearing the Smoke to See the Screen: Ideological Manipulation in Audiovisual Translation. *Meta*, 57(2), 279–293. DOI: <https://doi.org/10.7202/1013945ar>.
- FOWLER, R.; KRESS, G. Critical Linguistics. In: FOWLER, R. et al. *Language and control*. London and New York: Routledge, 1979. p. 185 - 213.
- GENTZLER, E.; TYMOCZKO, M. Introduction. In: TYMOCZKO, M.; GENTZLER, E. (eds). *Translation and Power*. Amherst: University of Massachusetts, 2002. p. xi - xxviii.
- KREMER, L. M. S. Desvendando saberes: o caso da tradução de “Dom Casmurro” para o inglês. In: *VII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE*. Anais, Paraná, Novembro de 2007, p. 4003-4014.
- LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e Manipulação da Fama Literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- MUNDAY, J. *Translation and Ideology: A Textual Approach*. The Translator. Vol. 13, N.2, 2007, p. 195-217.
- SIMON, S. *Gender in Translation: Cultural identity and the politics of transmission*. London and New York: Routledge, 1996.
- SIMPSON, P. *Language, Ideology and Point of View*. London and New York: Routledge, 1993.

van DIJK, T. *Ideology: A Multidisciplinary Approach*. London, Thousand Oaks & New Delhi: Sage, 1998.

VENUTI, L. *Contra Instrumentalism: A Translation Polemic*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2019.

von FLOTOW, L. Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. *Revue TTR: traduction, terminologie, rédaction*. Vol. 4, N. 2, 2e semestre 1991, p. 69-84. DOI: 10.7202/037094ar.

Recebido em: 10/01/2022.

Aceito em: 31/05/2022.

ⁱ Trecho do Pronunciamento de Castro. Fonte: Munday, 2007 (p.200)

Con motivo del enorme esfuerzo realizado para visitar la ciudad argentina de Córdoba, participar en la reunion del MERCOSUR, en la clausura de la Cumbre de los Pueblos en la histórica Universidad de Córdoba y en la visita a Altigracia, la ciudad donde vivió el Che em su infancia y unido a esto asistir de inmediato a la conmemoración del 53 aniversario del asalto a los cuarteles Moncasa y Carlos Manuel de Céspedes, el 26 de julio de 1953, en las provincias de Granma y Holguín, días y noches de trabajo continuo sin apenas dormir dieron lugar a que mi salud, que ha resistido todas las pruebas, se sometiera a un estrés extremo y se quebrantara.

Tradução literal do pronunciamento. Fonte: Munday, 2007 (p.200-201)

With the reason of the enormous effort made to visit the Argentine city of Córdoba, to participate in the MERCOSUR meeting, in the closing of the Summit of the Peoples in the historic University of Córdoba and in the visit to Altigracia, the city where Che lived in his childhood and together with this to attend immediately the commemoration of the 53rd anniversary of the assault on the Moncasa and Carlos Manuel de Céspedes barracks, on 26 July 1953, in the provinces of Granma and Holguín, days and nights of continuous work with hardly any sleep, gave rise to my health, which has withstood every test, subjecting itself to extreme stress and breaking down.]

ⁱⁱ Trecho da tradução do Pronunciamento de Castro, publicada pelo jornal oficial www.granma.cu. Fonte: Munday, 2007 (p.202-203, com grifos do autor)

As a result of the enormous effort entailed by **my visit** to the Argentinean city of Córdoba, **my participation** in the Mercosur meeting and in the closing ceremony of the People's Summit at the historic University of Córdoba, and **my visit** to the city of Altigracia, where Che spent his childhood, as well as the fact that immediately after this **I attended** the celebrations for the 53rd anniversary of the attacks on the Moncada and Carlos Manuel de Céspedes garrisons, which took place on the 26th of July 1953, held in the provinces of Granma and Holguín, and after days and nights of non-stop work with barely any sleep, my health, which has withstood every test, was put under extreme stress and submitted to the pressure.